

AS SEIS SURPRESAS E A COR DO FOGO

Lúcia Peixoto Cherem*

Introdução

Apesar de a literatura canadense do Québec possuir um número elevado de autores, uma boa organização editorial e redes de distribuição eficientes, sua difusão fora do Canadá é relativamente pequena. Esse fato pode ser explicado pelas características das origens dessa literatura, características de uma literatura colonial com grande influência francesa, que chegava com atraso e reservas. Muitas obras francesas eram proibidas no Québec, principalmente no final do século XVIII, quando o catolicismo se encontrava mais fortalecido.

Pode-se afirmar que a cultura do Québec, após a unificação do Canadá em 1840, esteve, por muito tempo, encurralada: de um lado, era necessário manter os valores da cultura francesa, como minoria: a língua, o catolicismo, contra a ameaça do inglês, do protestantismo; por outro, as idéias mais progressistas da França eram acatadas até certo ponto. Elas sofriam resistência em nome de valores tradicionais que deveriam ser mantidos pela ex-colônia.

Hoje, o Québec moderno quer ver a difusão de sua cultura e as universidades podem desempenhar um papel determinante nessa tarefa. Foi pensando na difusão dessa literatura que escolhi um conto de uma autora do Québec para participar do Curso de Extensão "Contos dos Anos 80 II", realizado na Universidade Federal do Paraná em setembro de 1994.

* Universidade Federal do Paraná.

Claire Dé nasceu em Montreal em 1951. Escreveu algumas peças de teatro, alguns contos em parceria com a irmã e outros sozinha, como é o caso de “Cabeleira de fogo” escrito em 1990.

As Seis Surpresas e a Cor do Fogo

Preparando esse trabalho, eu me perguntei se seria possível falar de um conto sem perdê-lo, ou seja, sem perder a naturalidade que há em contar histórias. Imediatamente, vi que seria impossível: analisar um conto é impor uma leitura, o que a simples leitura de um conto não faz.

Esse conto é surpreendente para o leitor. Os fatos vão sendo apresentados aos poucos por dois narradores: Joseph e Prudent. Pensei, então, em apresentar as surpresas da mesma forma, como se eu fosse um terceiro narrador da história, que tentará ressaltar essas surpresas ao longo do texto, por isso esse título: *As seis surpresas e a cor do fogo*.

É claro que já não posso narrar como os dois narradores: vou falar da história, lembrando de outras histórias e de outros narradores.

Um homem dormia em sua casa. Um fazendeiro do Québec, a região francesa do Canadá. Joseph é um dos narradores do conto; ele presentifica o diálogo que teve com um amigo ao telefone às 2:15 da madrugada:

- Alô? É Prudent Bouchard, seu vizinho.
- Prudent!? Você sabe que horas são ?
- Não.¹

Joseph é o tipo de narrador que prefere o presente, aquele que diria numa roda de amigos, numa mesa de bar: “Você nem sabe o que me aconteceu: eu estou em casa dormindo, bate o telefone e quem é? “O Fulano.” E ele reproduz os diálogos com vivacidade para os amigos. Assim estamos diante do texto de Claire Dé: no presente, do começo ao fim, temos a cena se fazendo como numa peça de teatro.

Esse telefonema é a *primeira surpresa*, surpresa para o narrador personagem Joseph que não podia esperar que seu amigo Prudent ligasse àquela hora.

Prudent exige a leitura de uma certa carta ao telefone:

¹ DÉ, Claire “Chevelure de Flamme” In: *Coincidences*, XYZ Editeur, Montréal, Québec, 1990, p. 21. Tradução Lúcia Peixoto Cherem, p. 1. Todas as demais referências a esse texto incluirão o nome do autor, DÉ, Claire e o número da página da tradução.

- Faça o que eu lhe disse meu Joseph, leia a carta. Eu espero.²

Joseph vai à procura da carta que não tinha lido por pensar que se tratasse de uma carta para a filha de Prudent e não para ele: nada havia sido escrito sobre o envelope. Não se trata, então, do relato de Joseph mas do texto de Prudent que aparece sob nossos olhos. A *segunda surpresa*. O telefone, em geral, não se destina a essa prática. Além disso, o autor da carta quer ouvir seu próprio texto através de outra pessoa às 2:15 da manhã. O mais comum seria: "Você ainda não leu a carta? Leia e depois a gente conversa". Mas Prudent tem pressa. Ele tem necessidade de ouvir sua própria história contada por um amigo. "Pegue-a e leia-a!" (É urgente. Sente-se essa urgência nesse imperativo no meio da noite.)

A carta então é lida por três leitores: Prudent, que precisa se ouvir através de Joseph, Joseph, que só então toma conhecimento da carta e o leitor diante do texto que parece ter o original, o momento presente a seu dispor. É como se o leitor tivesse acesso ao texto escrito por Prudent. O documento, a verdade dita por quem viveu.

Do outro lado da linha, Prudent escuta sua própria história condensada: o relato é uma vida de trabalho e sofrimento de um pequeno fazendeiro do Québec, como Joseph, em extinção. São poucos os fazendeiros que ainda vivem como ele, em pequenas propriedades ensilicadas perto do rio. É o que nos relata Joseph no início do conto.

Prudent fala então de solidão e sofrimento, usando uma linguagem rica em lugar-comum. Rica, porque o que ele conta está pleno de vida. Lugar-comum pelas expressões que usa. Fala do casamento com a falecida Alida - que Deus a tenha -, dos dois filhos que teve, do serviço de casa, do casamento da filha com um advogado de Montreal e o sumiço deles, da morte do outro filho num acidente de trabalho, fala de sua vida que ele resume assim:

Eu dizia a mim mesmo que tinha conhecido tudo em matéria de infelicidade. Que não podia me acontecer nada pior.³

A frase comum que se escuta no ônibus, "É, minha filha, eu já sofri muito nessa vida", como numa espécie de concorrência pelo sofrimento maior. "O que eu passei!" Até aí parece que Prudent não é capaz de escapar dessa linguagem, parecida com a de Madame Vauquer, a dona de pensão do romance de Balzac, *Le Père Goriot* (O Pai Goriot).

2 DÉ, Claire p.1.

3 *Ibid.*, p. 2

Com cerca de cinqüenta anos, Madame Vauquer parece-se com todas as mulheres que tiveram desgraças. Como havia perdido sua fortuna?

Nas desgraças, respondia. Ele (o marido) tinha se comportado mal com ela, não lhe tinha deixado senão os olhos para chorar, esta casa para viver e o direito de não se compadecer com nenhum infortúnio, porque, dizia ela tinha sofrido tudo o que é possível sofrer⁴

Nada mais ligado ao lugar-comum que essa expressão gasta, usada por Madame Vauquer, representante avarenta da pequena burguesia da Paris do século XIX. A dona da pensão se queixa aos pensionistas dizendo não ter dinheiro, é capaz de misturar água ao invés do leite puro no café do pobre Pai Goriot e de reunir os restos de vinho dos copos dos pensionistas para servir a bebida no jantar seguinte.

E como é Prudent Bouchard? Prudente, como o nome indica? Parece que se trata de um personagem limitado por sua própria linguagem, a linguagem de um pequeno fazendeiro isolado, num Québec superindustrializado, em que, como Joseph, deveria ter dificuldades para acompanhar as novidades da tecnologia moderna. Pois, Joseph nos fala de um relógio, presente do filho, como a geringonça eletrônica.

Esse homem, Prudent, parece banal, mas ele surpreende:

Eu dizia a mim mesmo que tinha conhecido tudo em matéria de infelicidade. Que não podia me acontecer nada pior.

Quando Cora entrou em minha vida.⁵

Surpresa número três. Cora é a grande surpresa da vida de Prudent. E ele precisa contar sobre Cora, nunca falou dela a ninguém. O homem resignado, que sempre viveu no silêncio e na solidão, precisa falar, mas não pode. Por isso escreveu e pede, agora, urgentemente a leitura da carta. Suponho que ele tenha precisado entender pela escrita, explicar ao amigo através de suas palavras escritas e tentar talvez convencer a si mesmo sobre a atitude que deve tomar.

⁴ BALZAC, Honoré de. *Le Père Goriot*. In: AUERBACH Erich. Tradução presente in *Mimensis*, 2. ed , São Paulo : Editora Perspectiva, 1976, p. 420 (não há referência alguma sobre a tradução).

⁵ DÉ, Claire p.2

Ele conta, então, que comia uma torta numa lanchonete quando ela entrou, transformando seu universo, com sua cabeleira vermelha. A partir daí, o mundo ganha cor, embora o lugar-comum persista. Porém, sua linguagem abre brechas para o particular, o intenso, o diferente e acaba seguindo Cora na rua:

Eu percebi seu jeito desanimado. Tive um pressentimento, medo que ela quisesse se jogar na água, paguei e saí também.⁶

Ele a convida para ir até sua casa.

Ela deu um pequeno sorriso, uma nesga de sol que hesita entre duas nuvens.⁷

Surpresa número quatro: a linguagem de Prudent. Quando ele se lembra de Cora, usa uma linguagem diferente da que deveria usar em conversa com Joseph. Essa imagem do sorriso de Cora comparado a uma nesga de sol é criada quando ele se lembra dela, depois de terem vivido juntos e, com essa vivência, ele aprendera também a se expressar de outra forma. E ele continua a relembrar com linguagem já modificada:

A criatura ruiva se esticou.⁸

É quando ela se deita no sofá da sala de Prudent para apreciar a vista da janela. Houve magia no início, mas Prudent logo percebeu que Cora era triste e ele achava que daria a ela a alegria que lhe faltava:

Meti na cabeça que ia curar minha Cora.⁹

⁶ DÉ, Claire p. 2

⁷ *Ibid.*, p. 3.

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*

Ele se sentia capaz de ajudar. Com Cora sente-se rejuvenescido e outra imagem poética aparece:

Eu me senti tão vigoroso quanto um salmão na primavera. E Cora, minha correnteza.¹⁰

A sensualidade de Cora é relembrada no final do relato a Joseph:

Ela era tão bonita com a sua crina vermelha, toda peito e ancas.¹¹

Fica rejuvenescido até demais, pois acaba traíndo Cora com uma moça da cidade. Ela descobre e sofre muito com isso.

Prudent escreve a carta para falar de sua experiência com Cora porque nunca conseguiu se expressar sobre isso. Quando ele fala dela, sua linguagem é outra, criada por uma nova experiência de vida. Ele tinha se deixado invadir por uma forma de sentir distinta da sua que será expressa também por uma linguagem distinta: percebe-se que a linguagem de Prudent é parecida com a de Joseph. São velhos amigos fazendeiros que se entendem, que confiam um ao outro. Cora veio fazer a diferença, mas é um mistério para os leitores. O que se sabe dela? Cada leitor imaginará uma Cora da qual se tem somente de concreto a ausência e as imagens criadas por Prudent. Não se sabe como ela pensava, por que tinha ficado ali, longe da cidade. Esse grande vazio tem que ser preenchido no conto. Não poderia preenchê-lo. Seria transformar um personagem enigmático numa coisa comprehensível. No entanto, arrisco um palpite de achar que Cora passou sua percepção de mundo através de seu modo de ser e também através de sua linguagem a Prudent, que o faz ser invadido por uma nova expressão.

Talvez seja uma dedução forçada, ou talvez um desejo grande de que as pessoas possam trocar suas formas de sentir. Desejo talvez partilhado pela autora do conto que coloca essas falas surpreendentes na boca de Prudent. Para mim essas imagens criadas por ele me causaram surpresa e eu me pergunto até que ponto essas falas cabem aí nesse contexto. Durante a tradução tive sempre a preocupação em manter o tom coloquial de Prudent e de Joseph, condizente com

¹⁰ DÉ, Claire. *Op. cit.*

¹¹ *Ibid.*, p. 4

seu meio, profissão e também com a amizade que os une. E de repente apareciam aquelas imagens diferentes de tudo, alimentando outro tipo de fome do leitor.

Essa dúvida em relação à linguagem de Prudent me fez pensar em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, em que o narrador Rodrigo SM tenta entender Macabéa vendo nela uma sensibilidade que ela mesma não é capaz de expressar. Macabéa é uma nordestina na cidade grande, encantada com a linguagem: escuta programas de rádio e decora palavras estranhas que a tocam, pergunta pelo seu significado, assim como pelo significado do seu nome e sabe muito pouco sobre si mesma. Em sua simplicidade, Macabéa aparece como um ser sem fissuras. O narrador a apresenta da seguinte forma: "Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro".¹² Rodrigo SM, o narrador, tenta dar a dimensão da personagem dentro da limitação da linguagem dela, o que vai acabar na discussão de sua própria limitação em se expressar, enquanto narrador. No caso do texto de Clarice, não há expressões poéticas nas falas de Macabéa como personagem, e sim, capacidade de sentir, através das perguntas que faz, do jeito como se diverte e dos sonhos que tem.

E para retomar as surpresas do nosso conto, é preciso lembrar a noite fatídica em que os homens jogavam baralho na casa de Prudent e Cora aparece para exigir amor:

Porque o negócio é que eu quero fazer amor com você. Você entende, sábado à noite eu tenho que fazer amor, está escrito na minha religião.¹³

Surpresa número cinco, Prudent não a leva a sério, quer se mostrar dono da situação aos amigos e ela se vai para nunca mais voltar. Agora, relembrando, ele reconsidera: *Velho idiota!* Além disso, reconhece ter dito tolices a respeito das mulheres:

As mulheres são assim mesmo, os hormônios lhes sobem à cabeça, tolices desse tipo.¹⁴

¹² LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*, 22. ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1993. p. 42.

¹³ DÉ, Claire p. 4

¹⁴ *Ibid.*, p. 4

A surpresa número seis é o gran finale com explosão do botijão de gás na casa de Prudent. Joseph pode ouvir a explosão pelo telefone e o leitor fica sabendo só nesse momento do suicídio.

Prudent tinha conhecido, com Cora, uma explosão de vida, de sentimento, de sensibilidade e também de linguagem. Sem ela, seria viver como antes. Então, ele prefere, de uma vez por todas, se entregar ao fogo, se entregar definitivamente à cabeleira de Cora, o que remete ao título do conto : *Cabeleira de Fogo*.

E para terminar, eu me pergunto sobre a necessidade que ele teve de escrever a carta, na tentativa de organizar e de se convencer dos seus atos e também de se justificar, suponho. Penso sobre a necessidade de ouvir sua própria história através da carta minutos antes do suicídio. No caso de Prudent, a linguagem o superou: no momento em que ele foi capaz de se expressar para falar de si mesmo e de se ouvir através do velho amigo, de uma nova maneira, foi para morrer e não para viver.

Mas felizmente, nem sempre é assim. Para muitos personagens, narradores e escritores, enfim, é o contrário: vive-se pela palavra. Lembro-me de Anaïs Nin discutindo com seu primeiro analista que não queria que ela escrevesse seu diário, caso contrário não faria sua verdadeira "literatura". Felizmente, ela não lhe deu ouvidos, trocou de analista, indo ao encontro de Otto Rank e continuou escrevendo seus diários que acabaram sendo publicados em seis volumes. Nessa obra, Anais se constrói e reconstrói, acaba por criar uma lenda e nos deixa um relato pleno de experiências.

Outro exemplo que me fascina é o de um outro personagem de Balzac, Louis Lambert: um menino de quatorze anos que passa mal no colégio interno. Os pais são avisados e têm que ir buscá-lo. A razão: indigestão cerebral, devido à leitura excessiva e desordenada. Pode-se imaginar o quanto esse personagem era permeável a outras linguagens, o quanto era fascinado pelo que lia. Paulo Rónai considera Louis Lambert uma das obras-primas de Balzac e talvez o seu livro mais autobiográfico, em que o escritor se desdobra em dois personagens: o próprio Louis Lambert, esse gênio infeliz, e o amigo que lhe conta a história, assim como Joseph nos conta a história de Prudent.

Tem-se a impressão de que Prudent escreve uma única carta em sua vida, mas com tal intensidade, que ele não pôde sobreviver a ela.

RESUMO

O conto canadense (Québec) "Chevelure de Flamme" de Claire Dé foi traduzido para o português por Lúcia Peixoto Cherem e sua análise foi apresentada no curso de extensão "Conto dos anos 80 II". O estudo desse conto centra-se em dois aspectos do texto: o inusitado (o texto surpreende o leitor a cada instante, com a ação se fazendo diante dele) e a linguagem do protagonista (que também é uma surpresa no conto, mas que domina a análise do texto). A linguagem de Prudent Bouchard, um modesto fazendeiro do Québec, se transforma quando ele relata uma experiência amorosa do passado. A análise do conto fala de uma linguagem adquirida em função de uma troca de experiências e de novas formas de sentir pelos personagens.

Palavras-chave: crítica literária, Literatura Canadense (Québec), conto.

RESUME

Le conte canadien (Québec) "Chevelure de Flamme" de Claire Dé a été traduit en portugais par Lúcia Peixoto Cherem et son analyse a été présentée lors du cours de formation continue "Conto dos anos 80 II". L'étude de ce conte se concentre sur deux aspects du texte: l'inoui (le texte surprend le lecteur à plusieurs reprises puisque l'action se fait devant lui) et le langage du protagoniste (qui est aussi une surprise dans le texte, mais une surprise qui domine l'analyse du conte). Le langage de Pierre Bouchard, un modeste fermier du Québec, se transforme quand il raconte une expérience amoureuse du passé. L'analyse du conte parle d'un langage acquis d'après un échange d'expériences et de nouvelles formes de sentir des personnages.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. *Le Québec: Images et Textes. Pour l'enseignement de la littérature et la culture québécoises*. Niterói NECAN, Universidade Federal Fluminense, ABECAN, 1992.
- BALZAC, H. de. *A Comédia Humana*. Orientação introdução e notas de Paulo Rónai, Nova edição revista. Tradução de Vidal de Oliveira. Rio de Janeiro : Ed. Globo, 1989.
- DÉ, C. "Chevelure de Flamme" in *Coincidences*. Montréal, Québec, XYZ Editeurs, 1990.
- LISPECTOR, C. *A hora da Estrela*, 22. ed. Rio de Janeiro : Ed. Francisco Alves, 1993.
- NIN, A. *Journal I (1931-1943)*. Paris : Ed. Stock, 1969.